

# Uma geração de críticos quase esquecida

O resgate da trajetória intelectual de Eugenio Gomes

IVIA ALVES

UFBA

---

Os críticos literários que se firmaram no cenário brasileiro entre a década de cinquenta e sessenta foram, de alguma maneira, esmaecidos com a entrada do estruturalismo. Começaram a ser resgatados no fim dos anos oitenta. Um dos primeiros foi Augusto Meyer. Atualmente, estão sendo gradativamente relidos Brito Broca, Alexandre Eulálio e Eugenio Gomes.<sup>1</sup>

A crítica realizada por Eugenio Gomes a partir de 1948 tem um novo formato, diferente da empregada pelos críticos tradicionais. O estudioso, cada vez mais, encaminha-se para a crítica iminente, apropriando-se de alguns instrumentais da “nova crítica” e investindo pelos caminhos da crítica estética e formal. Mas a eleição de novos métodos não vai provocar a abdicação dos antigos. Na realidade, o comparatista não deixou de lado os estudos historicistas, com bases lansonianas. Empregou-os, simultaneamente, com a “nova crítica”, assim como associou-os com a estilística espanhola, com a crítica genético-filológica, com a crítica textual e de fontes.

Por outro lado, a efervescência do meio literário, atestada pela publicação de novas revistas e amplos cadernos especiais nos jor-

---

<sup>1</sup> Eugenio Gomes (1897-1972) viveu parte de sua vida na Bahia, transferindo-se para o Rio de Janeiro em 1940. Foi autodidata e começou a atuar como crítico literário desde 1926. Os primeiros anos da década de 40, quando se transferiu para o Rio, escreveu, basicamente, resenhas e análises de obras de escritores ingleses. Foi só a partir dos fins dessa década que ele retomou a leitura de autores brasileiros, principalmente, a obra de Machado e de Castro Alves

nais diários, impulsiona a crítica de jornal e abre largos espaços para que novos estudiosos consolidem sua atuação.

É através desses espaços que Eugenio Gomes começa a participar ativamente da vida literária. Esse redimensionamento dos estudos literários, abrindo-se, nas palavras de Adélia Bolle, para as novas abordagens críticas, juntamente com a entrada em cena dos novos intelectuais, favorecerá uma ampla modificação de comportamento perto dos anos 50. Já agora o trabalho da crítica mesmo em jornais ganha profundidade, encaminhando os estudiosos para a especialização e a objetividade.<sup>2</sup>

De 1948 em diante, a trajetória intelectual de Eugenio Gomes toma novo rumo e ele passa a colaborar, continuamente, na imprensa, seja em jornais ou revistas, pela análise de sua produção, observa-se o interesse do crítico em acertar o passo com o seu tempo.

Tanto por empregar as diversas abordagens formais quanto por seu comprometimento com o projeto brasileiro de interpretação de escritores do século XIX à luz das novas perspectivas, de acordo com o propósito da inteligência brasileira, que vinha assumindo o poder gradativamente, implantando instituições que visavam analisar a realidade e imprimir novos rumos para a economia e a cultura nacionais, o crítico encontra espaço para suas interpretações. O fato de os periódicos abrirem espaço para uma crítica especializada, quase na mesma época, também concorrerá para a modificação do formato da crítica, diminuindo substancialmente a produção de resenhas em benefício do ensaio e da análise interpretativa. O crítico baiano, que já vinha trabalhando em jornais da antiga capital do país, por essa época começará a expandir a rede de atuação, escrevendo para as colunas especializadas dos principais suplementos literários – em *Correio da Manhã* e em *Letras & Artes*, do jornal *A Manhã*.<sup>3</sup> Neles, irá lançar, quinzenalmente, seus estudos que alcançarão a maturidade de concepção em meados da década de 50.

Paralelamente a essa investida intelectual, a vida profissional do autor baiano toma novo impulso. De funcionário de terceiro escalão do antigo IAPC passará a atuar no Ministério de Educação, como secretário particular do baiano Clemente Mariani entre 1946 e 1950, para em 1951, ser alçado a Diretor da Biblioteca Nacional,

<sup>2</sup> Baseado no livro de Adélia Bolle. *A obra crítica de Álvaro Lins e sua função histórica*. Petrópolis: Vozes, 1979.

<sup>3</sup> *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro. EG atua de 1945 a 1960; *Letras & Artes*, do *Correio da Manhã* (Rio de Janeiro) escreve um artigo em 1944, e volta de 1947 a 1954.

quando Simões Filho, outro baiano, é empossado no Ministério da Educação. Nesse cargo irá permanecer até 1956, permanecendo por mais dois anos, mesmo com a mudança do Governo, pois o cargo de Ministro terá outro baiano, Antonio Balbino, que lhe assegurará a estabilidade funcional.

Apesar de se perceber a rede de amizades e circuito político que envolvem a designação para tais cargos, não se pode deixar de evidenciar seu perfil de profissional sério. Sua figura retilínea, seu comportamento arredo a intrigas políticas e palacianas podem ser apreendidos através do discurso do ministro Ernesto Simões Filho, quando da entrega do cargo de Diretor da Biblioteca Nacional.<sup>4</sup>

“Há tantas condições a aferir na seleção, que somente os homens de Estado seguros de sua infalibilidade preencherão quadros de chefes de serviço com a velocidade de propulsão a jato. No seu caso, sr. Eugenio Gomes, tive muito a considerar. A primeira indagação que fiz a mim mesmo foi sobre as peculiaridades de seu temperamento. Seria acertado colocar na direção de um serviço público homem de seu feitio tão recolhido e distante? Ademais, seu gosto pelos estudos sérios e desinteressados, pouco propício à improvisação da nomeada, não facilitaria a criação das igrejas literárias em que os devotos mantêm o culto da admiração mútua. Ficaria assim a sua nomeação sem a repercussão que, de certo modo, prestigia as escolhas dessa natureza.

Entretanto, foi por essa sua maneira, a qual reúne sensibilidade, erudição e espírito de organização, já comprovada em outras funções, que se decidiu o Governo a entregar-lhe a direção da Biblioteca.”<sup>5</sup>

Fala ainda Simões Filho do autodidatismo do crítico “que não precisa dos currículos doutorais para se elevar aos altos níveis da cultura” e aproxima-o de Machado de Assis, com quem partilha o gosto pela literatura inglesa.

Por causa dos seus estudos sobre Machado, o Ministro acrescenta ser Eugenio Gomes “um dos ensaístas mais sérios e eruditos sobre o homem e a obra machadiana”, destacando a sua ousadia por tê-lo tirado do limbo no momento mais aguerrido do modernismo (1939).

Finalmente, Simões Filho diferencia Eugenio Gomes do tipo baiano habitual – sempre caracterizado como falador e barroco na

<sup>4</sup> Ernesto Simões Filho foi o fundador do periódico mais prestigiado de Salvador, o jornal *A Tarde*. Suas ligações com a política local o elevaram a cargos públicos importantes, inclusive o de Ministro da Educação e Cultura.

<sup>5</sup> Transcrição do discurso de posse do Diretor da Biblioteca Nacional no suplemento cultural *Letras & Artes*. Rio de Janeiro, 18 mar. 1951.



linguagem. Situando-o como uma exceção, *avis rara*, conclui: "um baiano silencioso, distante do tipo imaginoso e loquaz com que se pretende caricaturar os filhos da nossa gloriosa província."

Ao assumir a direção da Biblioteca Nacional, Eugenio Gomes preocupou-se em adquirir o maior número possível de livros sobre a obra de Shakespeare, os manuscritos de Castro Alves, além de realizar, constantemente, diversas exposições sobre autores brasileiros e documentos da memória cultural do país, privilegiando a divulgação para o público da coleção de livros raros existentes na Biblioteca.<sup>6</sup>

Enfim, em 1956, devido à subida de forças políticas contrárias, de tendências de centro-esquerda, com o governo de Juscelino Kubitschek, Eugenio Gomes sai do cargo. Em seguida, vai passar a integrar a Comissão Machado de Assis, instituída pelo MEC em colaboração com a Academia Brasileira de Letras. Fundada com o fim específico de restaurar a fidelidade do texto machadiano, a Comissão tomou como sede para suas reuniões a Academia. Faziam parte dela: Tristão de Ataíde, Josué Montello, Augusto Meyer, R. Magalhães Júnior, Celso Cunha, M. Cavalcanti Proença, Antonio Houaiss, Astrojildo Pereira, Brito Broca, Galante de Souza, José Chediak e Eugenio Gomes.

O presidente escolhido, Austregésilo de Ataíde, inicialmente, não deixou que se instalasse qualquer clima de instabilidade, por desavenças ideológicas. Mas, à medida que se fortalecia o grupo nacionalista em torno do governo de Juscelino, a situação dos adversários transformava-se em constrangimento. Em outras palavras, constituída essa Comissão por indivíduos de vários matizes ideológicos, o fortalecimento de intelectuais da linha de centro-esquerda tendeu a expurgar dela os membros mais à direita, entre outros, o crítico baiano. Aparentemente, o afastamento justificou-se por critérios intelectuais. Parte da comissão, provavelmente liderada por Celso Cunha, não aceitava que Eugenio Gomes detivesse o título de especialista em Machado de Assis. As várias dis-

<sup>6</sup> Promoveu várias exposições, dando maior atenção ao acervo de livros raros. Pode-se acompanhar tais atividades pelas notas de divulgação de *Letras & Artes*, do jornal *A Manhã*. Entre outras notas, teve destaque, em abril de 1952, o transcurso do 1º centenário de morte de Álvares de Azevedo, com a exposição de seus livros e manuscritos, organizada por ele próprio em colaboração com Luís Felipe Vieira Souto. Do Álvares de Azevedo realizou uma retrospectiva da sua obra e de sua influência em autores brasileiros. Vd. *O centenário de Álvares de Azevedo. Jornal de Letras*. Rio de Janeiro: abril, 1952. No mês seguinte, a exposição tem por temática "Livros e estampas de viajantes sobre o Brasil antigo". Foi uma retrospectiva dos flagrantes típicos do Brasil. No mês seguinte, a exposição tem por temática "Livros e estampas de viajantes sobre o Brasil antigo". Foi uma retrospectiva dos flagrantes típicos do Brasil.

senções internas levaram o estudioso autodidata, assim como outros, a se demitir. Possivelmente, vem desta época, o rompimento de suas relações com Magalhães Júnior e Otto Maria Carpeaux.

Mas, durante o período que integrou a Comissão, Eugenio Gomes trabalhou em alguns textos de Machado, especialmente no romance *Quincas Borba*. Do seu contato com os integrantes da Comissão surgiram alguns trabalhos em parceria, como o prefácio para o livro de Chediak que organizou as polémicas entre Carlos de Laet e Constâncio Alves. Também, estreitaram-se os laços de amizade com Josué Montello e Brito Broca.

Por seus estudos, nas décadas anteriores, sobre a obra shakespeariana, a sociedade *Shakespeare Survey*, como prova de reconhecimento, o elegeu membro correspondente da associação, legitimando, assim, seus esforços para uma melhor compreensão do dramaturgo no Brasil.

Outro fato importante, decorrente de sua atividade na Biblioteca Nacional, serão as duas viagens para a Europa, em busca de melhor aparelhamento e organização para bibliotecas pela Europa, visitando pela primeira vez a Inglaterra, França, Itália, Portugal e Espanha, entre setembro e dezembro de 1952, fato que iria modificar sua perspectiva frente a cultura inglesa e que iria se refletir nos ensaios, muito deles reunidos em *A neve e o girassol*.

Nas atividades críticas, percebe-se que gradativamente seu nome vai ganhando legitimidade, principalmente como ensaísta e especialista em Machado de Assis. Tal reverência provém da publicação de *Espelho contra espelho*, que marcaria seu lugar como comparatista. O livro, por outro lado, teve grande repercussão no meio intelectual, por tocar e deixar às claras um problema crucial da literatura brasileira: a questão da influência literária. Assim, o lançamento de seu estudo que poderia passar sem chamar muita atenção, desencadeou por mais de três meses, análises e resenhas, proporcionando uma revisão dessas tensas relações entre a literatura brasileira e as literaturas da Europa.

As resenhas de análise do livro *Espelho contra espelho* foram, em geral, elogiosas, quanto ao trabalho do autor, mas restritivas quanto ao campo das influências. As críticas recaíam diretamente sobre o método de investigação de influências e, em geral, elas tentavam descartar o problema trazido à tona, que era o débito cultural da obra de Machado com relação à literatura européia.

Por trabalhar no comparatismo de fontes, no momento que a inteligência brasileira buscava instrumentos para enfatizar o nacionalismo, a pesquisa de Eugenio Gomes suscitava certo desconforto para os críticos e para minimizar o impacto foi, pela maioria,



considerada um trabalho bizantino, supérfluo, preocupado com minudências. Desqualificava-se assim o estudo, salvava-se o companheiro e a nação. O nacionalismo fundante e a busca de raízes autóctones, em voga no momento, exigiam dos intelectuais o afastamento de qualquer fato que estabelecesse uma dependência do estrangeiro. Portanto, não se podia, naquele momento, aceitar a lembrança do estigma da dependência cultural quando a dependência econômica ainda era muito explícita, marcando uma desqualificação de duas ordens. Com seu estudo, Gomes voltava a abrir a dolorosa questão. A dependência da literatura brasileira dos modelos europeus através do seu principal autor, Machado de Assis, ameaçava um retorno a velhas discussões que vinham sendo superadas pela construção e interpretação do país a partir de outras perspectivas pelos grupos nacionalistas.

A publicação, dessa maneira, teria que criar um clima de discussão e, de certa forma, proporcionou repercussão ao livro e a seu autor. As principais polêmicas em torno de dependência literária iniciaram no fim do ano de 1949. Foram conduzidas por Sérgio Milliet, Sérgio Buarque de Holanda, Afrânio Coutinho entre outros. No entanto, Gomes não abriu a guarda e só se mostrou quando as águas revoltas já haviam amainado, com o texto "Diálogo entre Apolônio e Tirteu".

Nesse mesmo ano, o comparatista vence a enquete do *Jornal de São Paulo* sobre os melhores livros publicados em 1949. Também venceu seus concorrentes ao prêmio "Machado de Assis", da Academia Brasileira de Letras.<sup>7</sup> Sua primeira resposta ao clima polêmico em torno do seu livro vem no discurso de agradecimento, na Academia:

"A literatura comparada é uma espécie de parente pobre da crítica que luta incessantemente por se firmar como um instrumento, em tantos casos, indispensável, de pesquisas e interpretação da obra estética."

Refutando a desqualificação da crítica brasileira sobre a pesquisa de influências, Eugenio Gomes responde:

"Quer-se freqüentemente invalidar ou neutralizar a sua importância [da literatura comparada] apontando-lhe imperfeições, como a tendência à mecanização ou o vício de mencionar pe-

remptoriamente influências onde não há que semelhanças ou coincidências."

Neste discurso, Eugenio Gomes revela não só sua tenacidade em perseguir uma carreira literária como elabora sua autobiografia. É uma peça-depoimento, que acompanha seu itinerário intelectual cronologicamente e que vale a pena ser transcrito:

"Com a minha condição de autodidata, que veio pela vida a fora arrostando todos os obstáculos e incompreensões para realizar uma aspiração vocacional irreprimível, já me habituara tanto às asperezas do caminho, que não esperava outra recompensa senão a da satisfação íntima do dever ou do ideal realizado."

O prêmio da Academia corresponde à recompensa que busca pela atividade constante na área dos estudos literários:

"A excepcional honraria, com que me distinguiu a suprema instituição intelectual do país, traz-me a confortadora certeza de que os meus esforços para superar as minhas deficiências e servir à cultura brasileira não foram empregados em vão.

Revedo-me naquele titubeante moço que, há duas décadas, estreava com um livro de poesias modernistas, quase me surpreendo com o alvoroço da hora inicial de minha jornada. Estava em plena mocidade e um grande e impossível sonho de arte empolgava-me o pensamento, mergulhando-o na atmosfera capitosa da minha velha Bahia, em tentativas arrojadas para recapturar os seus símbolos, os seus sortilégios e os seus mistérios."

Prossegue com a explicação da sua inserção no modernismo baiano, seguindo a plataforma e as orientações de Alomar para os países latino-americanos do final do século."

"Em ritmos livres, como o exigia a inquietação daquele instante histórico de nossas letras, lancei-me à rota dos descobrimentos e, voltando-me para o mar, o mesmo mar em que Moema nadara até submergir no rastro da nau do conquistador, indiferente a seus rogos, acreditei vê-la ressurgir entre as vagas. Corri pressuroso a cingi-la em meus braços..."

Inutilmente! O corpo de Moema se desfizera numa florada de espumas... Mas, entre mim mesmo, estava consumado o milagre. Tinha readquirido a visão e a posse de um mundo!

Pois senhores, essa singular conquista representa a alegoria de toda uma existência que, embora mais sacrificada à vida prática que às solicitações do ideal, chega a esta altura sem ter sarado

<sup>7</sup> Anos mais tarde, em uma entrevista no jornal *A Tarde*, EG faz um balanço sobre o momento na Bahia, chegando a conclusão que, apesar de ter movimentado as idéias da época, o modernismo ainda se guiava por idéias conservadoras.



daquela obstinação, que Henry James denominava 'a loucura da arte'.

E já que me permiti mencionar a experiência de minha iniciação como autor, seja-me também lícito evocar dois homens de letras da minha província, graças a cujo providencial incentivo pude romper animadamente as resistências que encontrava para aquele passo."

Para em seguida, homenagear dois amigos que o levaram a trilhar o caminho literário:

"Um deles é Arthur de Salles, o magnífico poeta, a quem tanto devi por suas sugestões naqueles tempos, encaminhando-me a longas e proveitosas incursões pela literatura inglesa.

O outro mestre foi o saudoso Carlos Chiacchio, o grande guieiro de várias gerações de intelectuais, por efeito de cuja convocação, direi assim, resolvi ceder à tentação de publicar um livro.

Com esse livro, bem ou mal, pude expandir e cristalizar as insopitáveis vivências que refletiam mais amorosamente as imagens emocionais do mundo perdido de minha infância.

Se, dessa maneira, ficara esgotado ou reduzido o manancial de poesia, que porventura borbulhava em mim, não sei. O que sei é que me vi pouco depois solicitado para outras direções."

A literatura inglesa, iniciada pelas mãos de Arthur de Salles, vai lhe render muito da abertura com que lida com as fontes e influências:

"Nessa época, sucedeu-me encontrar a literatura inglesa e foi com a sensação e o entusiasmo de famoso navegador ante os esplendores da Flórida que me atirei à ousada aventura de singrar os seus mares.

E assim principiou uma absorção intelectual que havia de me valer o qualificativo de anglófilo.

Quando publiquei em 1937 um livro exclusivamente sobre autores ingleses, é claro que corri o risco de parecer um mero propagandista.

Quero deixar esclarecido que sempre fugi a essa subalternidade e somente uma alta preocupação me tem dominado o espírito neste particular: a de contribuir para não deixar esmorecer entre nós o superior interesse que os nossos antepassados consagraram à grande literatura do país de Milton. A insistência com que tenho procurado realizar esse propósito, se não supre as minhas naturais limitações, serve, de qualquer modo, para denunciar de maneira permanente a existência de um tesouro da cultura humana."

Para finalmente demonstrar como articulou as duas literaturas através da obra de Machado:

"Há reflexos tão vivos dessa fonte de incomparáveis belezas em nossa literatura, desde os precursores do romantismo até os contemporâneos, que alguns deles não poderiam ser interpretados a rigor sem o exame de suas relações com as letras inglesas. Foi a percepção disto que me induziu a estudar, por esse aspecto, a obra de Machado de Assis."

Após a rápida biografia intelectual, Eugenio Gomes utiliza o espaço para veicular seus pressupostos teóricos sobre a literatura comparada e como ele, no âmbito ocidental, relê a obra do escritor carioca.

"Quando me propus realizar tão delicada tarefa, não ignorava o lado ingrato e mesmo antipático dos estudos de fontes literárias. Existe um preconceito de originalidade que, embora generalizado, não consulta ao que há de relativo na criação individual de uma obra de arte e tanto mais prevalece quanto é certo que, em torno dos grandes vultos da literatura, abre-se uma auréola de veneração e de respeito, ante cujo fulgor o trabalho impessoal ou científico da crítica muitas vezes parece até irreverência.

Com relação a Machado de Assis, havia ainda a circunstância agravante de que a simples suspeição de suas influências estrangeiras tinha outrora nutrido um entrevero polêmico, do qual ficaram resíduos que não desapareceram totalmente. [...]

A dependência mútua das literaturas é justificativa, nem só de imperiosa necessidade do método comparativo, senão, também, de que, desse jogo de empréstimos e trocas, é que se constitui o patrimônio comum do espírito humano."

A reformulação sobre as trocas realizadas entre as literaturas de Eugenio Gomes baseia-se no resgate das concepções de Eliot e de Valéry pela nova perspectiva comparatista francesa, veiculadas por J. M. Carré e Guyard:

"Quando Paul Valéry declarou que uma quantidade de Sócrates nasceu consigo, evidentemente estava querendo assinalar o fenômeno da identidade de certos espíritos entre si – não importa a época ou a nacionalidade que os separem –, em razão da qual a influência opera como um fertilizante, fazendo florescer, quase magicamente, idéias latentes que, de outro modo, não desabrochariam tão bem. Nenhum artista pôde ainda subtrair-se a esse influxo ascendente que, parecendo estranho, na verdade, corresponde a misteriosos impulsos da vida potencial do espírito.

Exemplo disto é Machado de Assis, ao exame de cujas influências observa-se o que Menendez Pidal considera a mais útil finalidade desses estudos: o de mostrarem como o pensamento do escritor se eleva por cima de suas fontes, como se emancipa delas e as valoriza e supera.



Confesso que somente depois de examinar as suas fontes é que me apercebi melhor da verdadeira originalidade do criador de Brás Cubas: a quase inapreensível originalidade de essências que é um privilégio apenas de raríssimos escritores."

O prêmio, ironicamente, serviu para reverter o ataque da crítica militante, ao mesmo tempo que recompensa o caminho do autodidata:

"Distinguindo-me com a generosa concessão do Prêmio Machado de Assis, deu a Academia Brasileira de Letras um testemunho do reconhecimento tácito da significação e do alcance de meus estudos, naquela direção, e isso constitui a mais alta recompensa a que eu podia aspirar. Ainda porque o mestre de tantas páginas insuperáveis de nossa literatura, tendo sido também autodidata, representa o mais luminoso estímulo àqueles que foram abrindo o caminho por si mesmos, sem perder o senso da dignidade da profissão das letras e do prestígio inalienável do espírito.

Lição edificante a do grande escritor brasileiro para quem a literatura era um artesanato a exigir esclarecido e paciente manejo dos instrumentos que lhe são próprios: a linguagem e a técnica."

O crítico identifica-se com Machado de Assis, colocando-o como o modelo de homem de Letras a ser seguido:

"Com sua arte conscientemente exercida e a inquietação de seu espírito, foi ele um exemplo vivo do verdadeiro homem de letras, no sentido de que não dormiu jamais sobre os louros e, portanto, como o Teseu do apólogo de Gide, poderá também dizer de si mesmo: 'Assim fui sempre, menos envolvido ou detido pelo que tinha feito que solicitado pelo que me faltava fazer, e cada vez o mais importante me parecia que estava por chegar.'"

Apesar de atuar na crítica, desde 1926, essa função sempre foi na vida de Eugenio Gomes uma atividade paralela. Assim, seus vínculos com os periódicos eram frouxos, pois não era jornalista, nem crítico militante, tendo a vantagem de empregar mais tempo para examinar a obra, ter mais liberdade de escolha com relação a autores e de realizar certas experiências metodológicas. Além do mais, escapava à crítica de lançamento de livros e como consequência ter mais independência em suas avaliações da obra literária.

Afrânio Coutinho, tentando explicitar os princípios teóricos do conterrâneo, afirma ser testemunha de que Eugenio Gomes, desde cedo, iniciou-se na leitura de livros de crítica e ensaios, entre espanhóis, franceses e italianos, antes que o seu instinto raro

descobrisse entre os ingleses o porto remansoso onde descobriria as mais preciosas pérolas."

O formato dos artigos de Eugenio Gomes, bem como o seu conteúdo, já a partir de então, evidenciam sensível modificação. Quanto à linguagem – meio de se comunicar com o público leitor –, já havia conseguido alcançar um registro coloquial, através do qual ia passando sua leitura quase que despreziosamente. Esta forma inglesa de abordar assuntos literários, sem complicar a linguagem (com raciocínios difíceis) e sem utilizar de jargão próprio, deu ao autor um estilo maleável e leve, bastante assimilável para o leitor. Trazendo em sua bagagem dos EUA as metodologias mais novas, ele nunca as utilizou rigidamente.<sup>11</sup> A fórmula encontrada pelo crítico para a sua atualização, para uma sintonia com o tempo e com o Brasil tinha sido encontrada. De certa forma, arrastava ainda metodologias aprendidas no passado, como seu gosto pela historiografia e o método de Lanson, mas investia declaradamente na visão do presente, preocupando-se, principalmente, com a desmontagem da estrutura da obra literária, a busca de explicações através da própria obra de cada autor, o emprego de materiais não literários, como memórias, correspondências e prefácios.

A partir da repercussão do livro e do prêmio, Eugenio Gomes vai ser identificado pela crítica brasileira como um estudioso comparatista. Será considerado, juntamente com Tasso da Silveira, como um dos fundadores dos estudos comparatistas no Brasil. Para aquele momento, o autor de *Espelho contra espelho* marcaria seu espaço tanto pelo conteúdos analisados quanto pelo processos de análise empregados, delimitando as fronteiras entre uma nova perspectiva de crítica e tradicional crítica de rodapés, que persistia em manter o caráter eminentemente impressionista.

A década de 50 irá compreender o período de maior produção intelectual e de prestígio de Eugenio Gomes. Sua crítica ocupará o intervalo entre duas gerações de críticos; de um lado, a crítica impressionista e, de outro, a geração dos anos 60, dos formalistas e estruturalistas. Se, de um lado, os jornalistas militantes da geração

<sup>11</sup> Discurso *In memoriam*, de Afrânio Coutinho, na Academia Brasileira de Letras, na sessão de 11.4.1972 e nos artigos reunidos posteriormente sob o título de *Correntes cruzadas*. (Rio de Janeiro: A Noite, 1953).

<sup>12</sup> Passou quase dois anos em Nova Iorque, como tradutor das *Seleções Reader's Digest*, quando Afrânio Coutinho assistia às aulas de teoria literária, nas Universidades próximas. Os dois trocavam bibliografias e discutiam as novas perspectivas da literatura.



antiga iam aos poucos perdendo seus seguidores, por outro lado, a geração mais nova não tinha ainda relativo relevo para ocupar todo o espaço deixado. Dentro do vácuo entre as duas gerações, Eugenio Gomes e alguns outros bons "leitores" (leia-se críticos) preencheram com seus ensaios longos e curtos anos várias páginas de periódicos, sempre voltados para o estudo da linguagem, da estrutura do texto e do comparatismo.

Será a década de renovação da crítica. Nos periódicos do Rio de Janeiro entram a colaborar Homero Sena, Raul Lima, Walde-  
mar Cavalcanti, José Condé, Luiz Luna, Adonias Filho, Fausto Cunha, Cavalcanti Proença, Ledo Ivo, Renard Perez, Santos Moraes, Carlos Meneses, entre outros. Na crítica acadêmica, seja no Rio ou em São Paulo, atuam Antonio Candido, José Aderaldo Castello, Afrânio Coutinho e mais alguns.

Durante a década, Eugenio Gomes procurou resgatar textos de autores brasileiros do século XIX e por intermédio deles iluminar as obras canonizadas. Sua passagem pela Biblioteca Nacional proporcionou a análise dos inéditos de Castro Alves, que o obrigou a microfilmá-los os manuscritos dos familiares e amigos do poeta. A convivência com um material raro, como os manuscritos de escritores, levou o estudioso a escrever artigos fundamentais sobre Raul Pompéia, Euclides da Cunha e Machado de Assis. Seu fardo de pesquisador de fontes primárias desenterrou pareceres elaborados por Machado de peças de teatro para ser exibidas no Conservatório Dramático."

O crítico tentou manter-se à margem dos grupos de ideologias socialista e marxista. Talvez, apossado de um sentimento de exclusão de grupo. Essa atitude de não assumir um projeto comum, vem desde sua entrada literária na Bahia. O perfil de homem retraído e tímido, como ele próprio se retrata, em um texto de 1933, ficaria impresso na retina de seus amigos e dos circundantes. Segundo ele próprio autor, por ser tímido e arredio, não tinha espírito gregário. Apesar de ter amigos, a sensação que ele tem de si mesmo é de um intelectual isolado e independente, alheio a agremiações e "igrejinhas". Ainda era possível trilhar um caminho isolado.

No entanto, o momento ainda dividia-se entre homens com partidos. Mas a nova *intelligentsia*, que assumia os principais postos, começava a imprimir uma nova perspectiva ao momento,

<sup>11</sup> Ele resgata o caderno de anotações de Euclides, utilizado na composição de *Os sertões*, como também data desta época seus estudos genéticos sobre *O Ateneu*. Os estudos encontram-se reunidos em *Visões e revisões*.

tentando apagar a forte rede de sentidos que puxava a idéia de subdesenvolvimento.

Vários textos de Antonio Candido dão conta da efervescência e contradições daquele momento. Escrevendo sobre a década de 50, dentro de uma retomada diacrônica, Candido evidencia o "choque" desse público leitor ao tomar conhecimento de que o país passava a ser qualificado de subdesenvolvido.

"No decênio de 1930 predominava entre nós a noção de 'país novo' que ainda não pudera realizar-se mas que atribuía a si mesmo grandes possibilidades de progresso futuro. Sem ter havido modificação essencial na distância que nos separa dos países ricos, o que predomina agora é a noção de 'país subdesenvolvido'."

Esta leitura de Mário Mello abre o estudo de Candido, articulando o contexto histórico-econômico com a interpretação da literatura brasileira para chegar a uma conclusão estarrecidora para o público médio daquele momento:

"Ora, dada esta ligação causal 'terra bela - pátria grande', não é difícil ver a repercussão que traria a consciência do subdesenvolvimento como mudança de perspectiva, que evidenciou a realidade dos solos pobres, das técnicas arcaicas, da miséria pasmosa das populações, da sua incultura paralisante. A visão que resulta é pessimista quanto ao presente e problemática quanto ao futuro.

[...] Daí, a disposição de combate que se alastra pelo continente, tornando a idéia de subdesenvolvimento uma força propulsora, que dá novo cunho ao tradicional empenho político dos nossos intelectuais.[...]."

É dentro desse impacto vivenciado pelo brasileiro comum, que, repentinamente via-se definido como subdesenvolvido, e não mais inserido em um "país do futuro" que os textos de Gomes, com suas incursões amenas voltadas para os autores dos oitocentos, apaziguariam a sensação de pessimismo. De certa forma, o vácuo ocupado pela crítica de Eugenio Gomes não contribuiria para a sensação de desconforto como os estudos do grupo socialmente engajado impunham à sociedade.

A produção de Gomes sobre autores brasileiros dos oitocentos vai tomando corpo e terá sua divulgação nos jornais *Correio da Manhã*, *O Estado de S. Paulo* e *O Globo*. Também o autor assinou longos ensaios para as principais revistas literárias da época, pu-

<sup>14</sup> Antonio Candido. *Literatura e subdesenvolvimento. A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987. p. 140-162. Esta citação e as seguintes.



blicando em uma década, cinco livros, duas conferências convertidas em livros, além de duas alentadas introduções para os livros de Swift e de Dickens, da Globo.

A introdução do 'ensaio livre' nos jornais chamou a atenção dos críticos militantes. Segundo Hildon Rocha, a especialização, que vinha aumentando durante a década, evidenciava-se como a renovação literária necessária. O articulista, ao noticiar a publicação de *Prata de casa*, comenta:

"O especialista tende a estudar uma determinada literatura, em tais ou quais escritores, pelo menos a ponto de nos oferecer dessa dedicação especial e apaixonada, um estudo definitivo, um livro a que tivesse confiado todo o seu conhecimento de um autor ou de um gênero específico. Um estudo de interpretação que se possa ter como fonte de consulta e de esclarecimento."<sup>15</sup>

Hildon Rocha considera Gomes um especialista, pois ele se detém no processo estilístico, na técnica, nos lineamentos novelescos dos vários autores estudados.

Da mesma forma, o comentário de Carlos David dá relevo ao ensaio como gênero passível de permanecer nos periódicos:

"No dia em que se for computar o número dos ensaístas brasileiros, dia em que não mais valerão ou terão um prestígio reduzido os favores do momento, além dos nomes do passado porventura injustamente esquecidos, dois outros nomes há que certamente aparecerão ao lado de Álvaro Lins, Sérgio Buarque de Holanda, Augusto Meyer, Sérgio Milliet, num ângulo privilegiado, onde hoje não os enxergam singelos leitores de suplementos: Pedro Dantas e Carlos Dante de Moraes. Com Eugenio Gomes sucedia isso até bem pouco tempo, quando então a publicação de um novo livro de ensaios e uma colaboração mais assídua nos suplementos tornou afinal bastante lido e conhecido o autor de D. H. Lawrence e outros estudos."

Sobre a crítica a seus livros, observa-se que, gradativamente, Eugenio Gomes vai ganhando um reconhecimento do seu trabalho pelos colegas jornalistas, principalmente por seus investidas na pesquisa histórica e bibliográfica, sendo aproximado, por mais de uma vez, do trabalho desenvolvido por Otto Maria Carpeaux. Realmente, o especialista baiano vai, inteligentemente, preen-

chendo todos os espaços abertos pelo contexto cultural, conseguindo centrar-se nos autores brasileiros do século XIX, românticos e realistas. Escapuliu, assim, dos embaraços com a crítica a novos escritores e com a disputa ideológica travada nos bastidores da imprensa.

Na década em questão, a produção de Eugenio Gomes reúne estudos – curtos ou extensos – mas sempre minuciosos, principalmente, sobre a obra de Machado de Assis. A facilidade que o ensaísta demonstra em passar de um artigo ameno para um ensaio mais denso, já vinha sendo exercitada nos textos de divulgação de escritores estrangeiros, escritos nos anos trinta e quarenta.

Em 1953, apareceu seu primeiro volume de ensaios sobre autores brasileiros, sob o sugestivo título de *Prata de casa*. Os críticos aplaudem a sua entrada na interpretação de obras brasileiras. Dentre eles, o artigo de Paulo Rónai pode ser destacado:

"Por meio de persuasão intelectual, o ensaísta consegue interessar-nos pela sua herança sentimental, pelas suas reminiscências mais profundas, pelas raízes da sua personalidade. De maneira alguma essa ternura chega a falsear-lhe o julgamento, a levá-lo a exageros e injustiças; mas cresce um novo traço humano e atraente, ao retrato do crítico. [...] O conhecimento dos métodos mais modernos da crítica e da literatura comparada permitem-lhe avançar com segurança no terreno escabroso das confrontações. Sem se limitar ao estudo de influências, aproveita-se das lições de uma obra para elucidar outra. Tudo isso "dentro de um" estilo plástico, suculento e sensual como só o possuem aqueles para quem a literatura não é uma operação independente e distinta do intelecto, mas parte integrante do próprio ser."

Também o artigo de João Clímaco Bezerra dá a medida exata de como, aos poucos, o trabalho de Eugenio Gomes vai não só sendo aceito, como abre espaço para um tipo específico de estudo dentro da crítica brasileira. Segundo Bezerra, não se pode recusar "um novo lugar para o sr. Eugenio Gomes na crítica literária do Brasil. O lugar de uma inteligência que se inclina avidamente para a pesquisa, para a análise, para a interpretação."

O jovem crítico Wilson Martins comenta a abordagem e instrumentais empregados

"Fino e culto, Eugenio Gomes não é cultor de nenhuma crítica que se perca na abundância de palavras ou até mesmo em inovações de métodos. Se antes tende para o equilíbrio clássico, nem por isso a sua prosa deixa de ser vibrátil [...] para acentuar um aspecto ou uma particularidade passados despercebidos. Atento, arguto, de bom gosto, o que ele alcança nas suas páginas é o de-

<sup>15</sup> São citados trechos das seguintes resenhas: Hildon Rocha. *Homens & obras: O crítico e as especializações. A Noite*. Rio de Janeiro, 5.10.54; Carlos David. *Dois ensaístas. Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 24.1.53; Paulo Rónai. *Prata de casa. Correio do Povo*. Rio de Janeiro, 5.3.55; João Clímaco Bezerra. *Um volume de ensaios de crítica. O Jornal*. Rio de Janeiro, 7.10.54; Wilson Martins. *Anhembi*. São Paulo, abr. v. 41.



senho exato, a verdade escrupulosa. Trata-se de um crítico que tem como um de seus deveres sagrados a honestidade. E daí, o respeito que lhe rendemos e que vai crescendo em nós à proporção da leitura, cada vez mais atraente.”

Pelos trechos destacados pode-se verificar que Eugenio Gomes emprega uma metodologia bastante diversificada, que de alguma maneira aparece como inovadora. Utilizando-se de elementos formais, como o estudo da estrutura ou pela seleção uma única frase ou então figura de linguagem, o estudioso passa a explorar um texto ou procura iluminar toda a obra de um autor. Tanto pode ser a metáfora, a imagem quanto a ironia, que vão ser trabalhadas pelos procedimentos estilísticos. Pode, também, procurar a articulação entre a visão de mundo do escritor com a obra e, não abdicando dos estudos historicistas, busca a reiteração de temas e palavras entre os autores românticos.

Em certos artigos, o analista não dispensa dados biográficos ou textos paraliterários. A preocupação em interpretar a visão-de-mundo do autor, procedimento da linha alemã, iniciada por Gundolf e Dilthey, será um dos métodos explorados e que irá, na época, enriquecer os estudos críticos.

A partir de 1956, com o desaparecimento do suplemento *Letras & Artes*, o comparatista passa a colaborar quinzenalmente no *Diário de São Paulo*, substituindo Afrânio Coutinho. No Rio, publica *Visões e revisões*, pelo Instituto Nacional do Livro, contendo artigos já publicados, que delineiam suas simpatias no campo da literatura brasileira. No *Prefácio*, o autor informa que prefere aprofundar seus estudos sobre autores por quem tem simpatia.

Renard Perez, desenhando o perfil de Gomes, assinala tal atitude:

“Entre suas admirações literárias, no Brasil, Eugenio Gomes cita Machado de Assis, Raul Pompéia, José de Alencar, Xavier Marques e Mário de Andrade (de quem discorda em muitos pontos, mas que considera, depois de Machado, a maior organização de homem de letras no Brasil); na poesia – Castro Alves, Gonçalves Dias e Álvares de Azevedo.”<sup>16</sup>

De 1958 em diante, observa-se que o autor de *Espelho contra espelho*, ao desligar-se da Comissão Machado de Assis, transfere-se para a direção do setor de Pesquisa da Casa de Rui Barbosa, tornando-se seu Diretor Geral em 1962 e nesse cargo permaneceu até

<sup>16</sup> Renard Perez. *Escritores contemporâneos brasileiros*: Eugenio Gomes. *Correio da Manhã*, 29.10.1955

1964, quando foi convidado por Luís Vianna Filho para ser secretário de gabinete de Castello Branco.

Na Casa de Rui Barbosa, o pesquisador deu andamento ao programa de publicações, tendo sido editadas, em sua gestão, as obras de Araripe Júnior, os volumes da *Literatura popular em verso* e parte da obra de Rui Barbosa.

Nesse período, o crítico canaliza sua atividade para a pesquisa da obra de Machado, além dos autores barrocos e românticos, que faziam parte do seu trabalho para o livro a ser editado por Afrânio Coutinho. *A literatura no Brasil* vem a ser publicada entre 1956 e 1958, em 5 volumes e dezenas de colaboradores. Para esse projeto, Gomes escreveu sete estudos monográficos: Antonio Vieira, Manuel Botelho de Oliveira, Nuno Marques Pereira, Álvares de Azevedo, Junqueira Freire, Raul Pompéia e Lima Barreto.

O esmiuçamento da obra de Machado de Assis, que vinha sendo publicada homeopaticamente nos suplementos literários e em fins de 1958, vem a lume, como homenagem ao cinquentenário da morte do grande romancista. Por esse livro, novamente, Eugenio Gomes ganhará outro prêmio – o do *Jornal do Comércio*, de 1958. O livro *Machado de Assis* contém quatro estudos de fôlego: “As duas formas de Machado de Assis”, “À margem de Esaú e Jacó”, “O testamento estético de Machado de Assis” e “O microrrealismo de Machado de Assis”. O último ensaio foi selecionado, em 1982, para integrar a antologia e estudos de Machado de Assis. José Carlos Garbuglio, um de seus organizadores, apreciando o livro *Machado de Assis*, registra seu significado para o momento e para a atualidade:

“Embora com altos e baixos, sem lograr desprender-se do psicologismo, o livro apresenta belos momentos de análise, como o do microrrealismo de Machado, onde se colhe um dado fundamental de sua forma de organização do texto e do discurso, a partir do pequeno, do miúdo, visto como elemento central do escritor, funcionando como metáfora do próprio espaço brasileiro e do elemento social. É livro obrigatório sobre Machado de Assis.”<sup>17</sup>

No decorrer da década, Eugenio Gomes, cada vez mais prestigiado e respeitado no exercício da crítica de interpretação, só vai começar a receber restrições, notadamente feitas por Otto Maria Carpeaux, nos começos dos 60. A série de artigos de Carpeaux, ao longo dos anos 60, tem como pano de fundo a oposição ideológica

<sup>17</sup> Alfredo Bosi et al. *Machado de Assis*: antologia e estudos. São Paulo: Ática, 1982 (Coleção Escritores Brasileiros; 1).



entre ambos. Deve-se esclarecer que Carpeaux estava ligado ao grupo de intelectuais engajados e que disputavam acirradamente os espaços do poder e dos jornais. Não foi outro motivo senão este que levou Carpeaux a minar o trabalho de Eugenio Gomes. Inicialmente, atacou o trabalho do comparatista baiano, assinalando os defeitos de sua pesquisa de fontes. Essa "campanha", iniciada logo após a posse de Juscelino como Presidente da República, derivava-se da perda de prestígio do grupo que permanecia no poder e ao qual o crítico estava, de alguma forma, conectado. Essa animosidade ideológica, também, provocou a saída de Gomes da Comissão Machado de Assis e no ano de 64, as hostilidades do grupo, liderado por Carpeaux, perderão o ar velado, e se tornarão explícitas, quando o crítico baiano passou a integrar o governo militar, na função de secretário particular de Castello Branco, escrevendo, inclusive, seus discursos. É durante esse momento que saem os artigos mais ferinos de Carpeaux, fazendo uma campanha contra a crítica comparatista escrita por Eugenio Gomes." Alguns trechos dos artigos de Carpeaux perduram com o mesmo acirramento de ânimo:

"Essa caça de 'influências' não é literatura comparada, mas um 'hobby' sem conseqüências. Quando existe imponência verificável, não importam mesmo as semelhanças; importam só as diferenças, as modificações pelas quais a expressão ou o pensamento passaram na mente do influenciado. Mas, então, quando bastante modificados, costumam escapar à atenção dos *pseudo-comparatistas*.

É fácil verificar numa reminiscência de leitura de Victor Hugo em Castro Alves, por que é óbvia. Mas verificar alguma reminiscência de leitura de Victor Hugo num escritor tão radicalmente diferente como Machado de Assis e gritar: *Influência é absurdo*. Em compensação, não se verifica a influência de Leopardi, porque o *pseudo-comparatista desconhece este último*. E não quero ficar na companhia desse 'scholars' de antolhos." (Grifos meus)

A provocação é diretamente para Eugenio Gomes. No entanto, a publicação do estudo do comparatista baiano havia saído em *ECE*, em 1949! O mesmo capítulo, "O delírio", em *MPBC*, tinha ins-

<sup>18</sup> Embora Wellek já houvesse denunciado o espírito do comparatismo da linha francesa, os estudos comparados brasileiros afastavam-se da pesquisa de fontes e influências, mas não renegavam a metodologia francesa para as áreas de temática e imagologia. No entanto, percebe-se que as observações de Carpeaux são apaixonadas, imbuídas mais de emoção do que de fundamentação lógica, buscando mais atacar o homem do que os instrumentais empregados por ele.

<sup>19</sup> O. M. Carpeaux. *A brasileira e a comparada*. Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 30.7.66.

pirado, poucos anos mais tarde, um estudo de Augusto Meyer, que se encaminhou para outra vertente. Carpeaux, ao que parece, foi o último dos três a oferecer uma outra interpretação. Para este último, o texto machadiano tem como base a *Operette Morali*, de Leopardi. Três hipóteses de trabalho, portanto. Por que, então, Carpeaux vem a externar sua desaprovação mais de dez anos depois? Mesmo sem se referir nominalmente a Eugenio Gomes, as indicações do texto apontam para o crítico baiano. Sem dúvida que os trechos selecionados do artigo são de ataque, inclusive ultrapassando os limites da crítica, para atingir o indivíduo: *scholar de antolhos*.

O segundo trecho selecionado dá a medida exata da irritação do crítico contra Eugenio Gomes:

"Ficamos perplexos. Um pequeno trecho só, sensivelmente influenciado por dois escritores tão diferentes como Hugo e Leopardi! Machado de Assis os teria amalgamado? A hipótese é absurda. No entanto, os fatos são obstinados."

Para finalmente concluir:

"Embora os contemporâneos nunca falassem das obras em prosa, das *Operette Morale* do poeta, pode-se afirmar, por isso, que Machado também as desconhecesse? Não o creio. (Grifo meu)

Ora, porque uma atitude tão demolidora, inclusive declinando o nome de um crítico, se não há nenhuma intenção ideológica? Será que a escolha de metodologias comparatistas diversas levaria a um crítico a dedicar, com farpas, mais de um artigo ao seu colega (adversário político)? Sabe-se que o círculo de coleguismo entre companheiros de trabalho só levaria a uma crítica direta a um deles se este não fizesse parte da "igrejinha".

O retorno a uma querela antiga, sobre artigos publicados entre 1949 e década de 50, só se justifica por uma campanha aberta de desmoralização. Augusto Meyer, ao construir sua interpretação, referiu-se ao estudo do escritor baiano com respeito, apesar da discordância intelectual. No caso de Carpeaux isso não acontece. Não há isenção de ânimo, mas existe um motivo subterrâneo para atingir o indivíduo. E para comprovar o acirramento de posições após a ditadura, pode-se juntar mais uma referência, de um artigo de 1961, intitulado "A propósito de influências", onde o autor embora trate de forma ambígua o escritor baiano, não se colocou tão contundente:

"Existem alguns bons trabalhos sobre esse tema: o de Paul Hazard [...]; o recente livro, volumoso e muito bem documentado, do sr. A. Carneiro Leão sobre *Victor Hugo no Brasil*; os trabalhos



do sr. Eugenio Gomes sobre influências estrangeiras em Machado de Assis.

[...]

Quanto a José de Alencar, o sr. Eugenio Gomes já derrubou o exclusivismo dos menos informados que explicaram tudo pela 'influência de Chateaubriand e Cooper', demonstrando traços da leitura de Ossian no romancista."

O jogo da ambigüidade revela-se, quando Carpeaux, utilizando-se do discurso de outro crítico, desqualifica o trabalho do autor baiano: "De fato, o sr. Agripino Grieco, espirituoso como sempre, forneceu uma caricatura perfeita do método do sr. Eugenio Gomes". Embora, enfatize que está apenas criticando o método: "O erro fundamental desse método comparativo é a confusão entre influência e reminiscência."

Quando Otto Maria Carpeaux assinala, em seu artigo, que Agripino Grieco ridiculariza Eugenio Gomes, imitando-o caricaturalmente na pesquisa de fontes, não está registrando o pensamento do autor. Apesar de todo o sarcasmo sobre a temática, Agripino Grieco, em seu livro *Machado de Assis* (1959), é muito correto ao se referir a Eugenio Gomes. Inclusive no contexto em que está a expressão não há indicação de tom irônico ou sarcástico, nem mesmo uma postura demolidora diante do crítico baiano. São estas as referências:

"Aliás, diversas reincidências de idéia ou frase afastariam logo a possibilidade de simples coincidência.

Mas pequenas analogias destas nada significam, não comprometem o grande Machado, ao que já afirmou outro caçador de fontes, Eugenio Gomes."

Em outra passagem, Grieco escreve:

"Ainda há pouco, um jornal literário de Paris, referindo-se a uma tradução francesa do Quincas Borba, escreveu: 'Cette œuvre originale et forte' mas indicando, entre outras coisas, que o *humour* do nosso patricio levava às vezes a pensar no Tom Jones, de Fielding, analogia que Eugenio Gomes, perspicaz e culto, já apontara num belo trabalho de literatura comparada que me orientou quanto a duas ou três aproximações de Machado de Assis com Sterne e Almeida Garrett."<sup>20</sup>

<sup>20</sup> A rede de informações sobre as disputas entre intelectuais, além de estar estampadas em livros da época, a correspondência pessoal de EG auxilia a deslindar as várias conexões, como nesse caso.

<sup>21</sup> O. M. Carpeaux. *A propósito de influências. O Estado de S. Paulo*, 7.1.61

<sup>22</sup> Agripino Grieco. *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1959.

Os conflitos da intelectualidade de direita e esquerda repercutiam na imprensa, como críticas e restrições às publicações. O público ficava alheio aos bastidores. Já pela altura dos anos 60, admoestando os "incorrigíveis" que tentavam ainda editar seus livros encontravam, por parte da crítica, sempre admoestações ou mesmo o silêncio. No caso de Eugenio Gomes, a crítica não se omitiu, mas pugnou para mostrar os seus "erros" e silenciá-lo pela desmoralização.

Mas, até surgirem tais restrições e ataques, o itinerário intelectual de Eugenio Gomes tinha se consolidado.

Os primeiros anos de 60 encontram Eugenio Gomes escrevendo para grandes jornais e organizando coleções para editora Aguilar, como o estudo de crítica textual sobre a obra de Castro Alves. A década de 60, é inaugurada pela volta do ensaísta aos estudos ingleses, publicando o resultado de anos de pesquisa no excelente livro *Shakespeare no Brasil*.

Mantendo-se fiel às eleições literárias da juventude, ao longo de sua vida colecionou uma extensa relação de estudos sobre a obra de Shakespeare. *Shakespeare no Brasil* é inteiramente dedicado à literatura comparada. Embora insistindo numa visão comparatista sob o paradigma francês, o autor explora todas as possibilidades de intercâmbios literários, desde a fortuna, o sucesso, as influências até a tradução, as adaptações e a divulgação dos espetáculos pela imprensa brasileira no século XIX. É um estudo exemplar para a época.

*Shakespeare no Brasil* fez grande sucesso entre a crítica militante. O comentário de Massaud Moisés é ilustrativo:

"Essa crítica de fontes, é arqui-sabido tem valor muito relativo e só vale como 'decifração' de alguns 'mistérios' do artista. Diga-se de passagem que a crítica comparativa, em tudo ligada a esses estudos de genética literária, é também muito precária, quer pela flutuação do esquema analítico, permitindo, muitas vezes, pôr frente a frente autores que só por mera coincidência se assemelham. De qualquer forma, merece respeito a crítica de fontes como contribuição para o 'conhecimento' do escritor, jamais para o julgamento."<sup>21</sup>

Outros críticos se pronunciaram, resolvendo aceitar as marcas nítidas da assimilação de autores brasileiros. Mas a idéia nacionalista, que contrasta com a confusa concepção de influência, pode ser resumida por estes trechos da resenha de Newton Belleza.

<sup>23</sup> Massaud Moisés. *Resenha bibliográfica*. Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo*, de 20.6.59.



"Curiosíssimos são os estudos, comprovados por documentação aceitável e algumas vezes até por depoimento pessoal, sobre as influências de Shakespeare em autores brasileiros.

[...] Se a sua obra gigantesca influenciou, através de traduções, uma literatura como a alemã, por que não haveria de ter influenciado a literatura brasileira?"<sup>24</sup>

Mais ou menos pelo ano de 1961, Eugenio Gomes troca o *Correio da Manhã* pelo jornal *O Globo*. Essa mudança irá obrigá-lo a transformar o formato de seus artigos. Volta-se o crítico para os artigos curtos e leves, fundados em "curiosidades". Contrabalança essa superficialidade, no entanto, mantendo o formato anterior nos artigos enviados para o *Diário de São Paulo*.

Em junho de 1964, após o golpe militar, vai exercer o cargo de Chefe da Casa Civil da Presidência da República.<sup>25</sup> Daí em diante, passa a atuar na crítica de forma intermitente, embora ainda compareça às editoras mais duas vezes com os livros *O enigma de Capitu* (1968) e seu livro de memórias *O Mundo da minha infância*.

O livro *O enigma de Capitu* é um longo ensaio onde seu autor coloca sua visão pessoal sobre a situação de Capitu no livro. Segundo sua própria correspondência pessoal, o livro foi escrito com a intenção de evidenciar outros aspectos importantes não contemplados pela publicação de seu amigo Aloísio de Carvalho Filho.<sup>26</sup> Este havia analisado o romance *Dom Casmurro* como uma peça de um processo penal. Carvalho assume a postura de advogado e transforma o romance de defesa de Bento Santiago e com isso demonstra que as provas apresentadas por Bentinho evidenciam a culpabilidade de Capitu. A interpretação de Eugenio Gomes é diametralmente oposta, e para demonstrar o contrário, resgata a visão-de-mundo e a vida de Machado buscando evidenciar a ambigüidade estilística do discurso do romancista carioca.

Combinando várias metodologias, o livro é um retorno às origens da formação do crítico, pois há uma predominância do psicobiografismo. Há iluminações deveras novas, porém elas ficam envolvidas num emaranhado de tendências que concluem pela colagem da personalidade de Machado com a do personagem Bentinho.

<sup>24</sup> Newton Belleza. *Shakespeare no Brasil*. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro: 10.9.1961.

<sup>25</sup> Eugenio Gomes não conseguiu permanecer no cargo, porque, segundo ele próprio, não agüentou a atmosfera de intriga palaciana. Demitiu-se após nove meses de trabalho, retornando ao Rio.

<sup>26</sup> Aloísio de Carvalho Filho. *O processo penal de Capitu*. Salvador: Editora da Universidade da Bahia, 1963

O livro recebe críticas boas e restritivas. Também as divergências ideológicas forçavam possíveis recensões negativas. Está nesse caso, a resenha escrita por R. Magalhães Júnior, que acusa Eugenio Gomes de não haver lido a mais recente bibliografia sobre Machado, notadamente o livro de Helen Caldwell. Fato que não é a realidade, pois Eugenio Gomes, anos antes, já havia contemplado com dois artigos o estudo de Caldwell.<sup>27</sup>

Por outro lado, Aloísio de Carvalho Filho, o instigador, de certa forma, do livro *O enigma de Capitu*, em carta, agradece a referência ao seu livro e comenta o estudo de Gomes, apreciando a objetividade e profundidade do ensaio. Coloca ainda o livro como o ponto alto de longa e inteligente interpretação sobre Machado, mas não deixa de levar o crítico a uma pequena polêmica sobre seus pontos de vista. Segundo Aloísio,

"as numerosas *Capitus* de carne e osso, hão de agradecer-lhe a discreta, habilidosa porém conveniente defesa, em confronto com os ciúmes desabalados de um insano, digno da companhia de tantos no hospício do sr. Simão Bacamarte. O romance que era, para muitos senão quase todos, um libelo para Capitu, transforma-se no mais perfeito atestado de insanidade mental de Bentinho. Vamos ver o que dizem, diante disso, os anti-Capitu."<sup>28</sup>

Na mesma correspondência, aproveita Aloísio de Carvalho Filho para se informar sobre as orientações sugeridas por Eugenio Gomes para o filme *D. Casmurro*, sabendo que ele era um dos consultores. Por isso mesmo, indaga sobre o necessário relevo de uma possível culpabilidade de Capitu: a das libras trocadas e a dos "embargos de terceiro"?

Eugenio Gomes responde:

"Pouco antes de iniciar seu trabalho, o cineasta Sarraceni trouxe-me o 'script' e, dias após, voltou para ouvir a minha opinião. Fiz-lhe ver que a versão do 'script' era arbitrária em alguns lugares, deliberadamente para acentuar uma culpabilidade de que o romance só dá alguns indícios. Ele saiu convencido de que devia manter a mesma atmosfera da narrativa. A reportagem do último número da *Manchete* sobre o filme em preparo deixa entrever que Sarraceni seguiu as minhas ponderações."<sup>29</sup>

<sup>27</sup> Na realidade, em 1960, EG escreveu 3 artigos contrários à tese da autora. Foram eles: *A simbologia de D. Casmurro* (*Correio da Manhã*: 25.6.60); *Que há num nome?* (*Correio da Manhã*: 9.7.60); *Absolvição de Capitu* (*Correio da Manhã*: 23.7.60)

<sup>28</sup> Carta de Aloísio de Carvalho Filho, de 27.1.68.

<sup>29</sup> Carta de Eugenio Gomes para A. de Carvalho Filho, de 2.2.68.



Aloísio de Carvalho Filho sai do campo de luta quando informa que, lendo a revista e ainda sem saber da interferência de Gomes, constata que o filme não enveredará para a comprovação do adultério, fato que o desanima a continuar a discussão por cartas.\*

O *enigma de Capitu* também encontra outros críticos menos apaixonados que o analisam com distanciamento. A posição de Fábio Lucas é um exemplo. Sem cair na louvação, o crítico mineiro mostra as falhas de concepção do ensaio. Primeiro, chama a atenção para a aplicação de um método eclético, empregado por Eugenio Gomes, para a iluminação de vários aspectos da obra, embora evidencie que a abordagem predominante é "marcadamente estilística", buscando, no entanto, articular a linguagem com "fenômenos psicológicos":

"A análise de Eugenio Gomes, importante no teor erudito e brandamente humanista, está longe de assumir uma perspectiva inovadora.

O seu traço forte não é a modernidade, mas uma serena articulação de valores perenes, de tal forma que chega a ser penetrante mesmo quando percorre caminhos convencionais."<sup>30</sup>

Desmontando *O enigma de Capitu*, observa-se que seu autor guardou a sedimentação de sua formação inicial, além de hábitos de sua experiência nos periódicos. O livro, por isso, constrói-se por pequenos capítulos, semelhantes aos artigos de jornal, sem que haja um princípio unificador entre eles. A acoplagem de várias formas de abordagem, resulta em uma forma de caleidoscópio que leva as reflexões do autor a uma circularidade. Por outro lado, a duplicidade de atitudes críticas – o estudo de aspectos de linguagem ou de estrutura da obra e o método lansoniano – confundem-se, voltando-se para explicações sobre a biografia do escritor Machado. Em outras palavras, há confusão de perspectivas e de interpretação por parte de Eugenio Gomes, na medida que o seu levantamento de elementos estruturais e de linguagem confundem-se com a interpretação "psicológica" de Machado, centrando a interpretação na figura de Machado e a obra perdendo sua autonomia. Ainda não seria o momento exato para se compreender a complexidade da obra de Machado. O fato de Eugenio Gomes não conseguir deslocar-se de certos instrumentais da época, não o faz um estudioso menor, mas reafirma o lugar de Machado, que, de

<sup>30</sup> Carta de 11.2.68.

<sup>31</sup> Fábio Lucas. *Eugenio Gomes e O enigma de Capitu. Fronteiras imaginárias; crítica*. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1971.

alguma maneira, com seus romances, escapa a uma análise totalizadora.

Sendo o último ensaio crítico de Eugenio Gomes, o livro não deixa de mostrar para o leitor os seus limites como crítico em trabalhos mais ambiciosos. Tendo sido publicado comercialmente, é o livro mais divulgado e mais conhecido do público, embora, infelizmente, não seja seu trabalho mais equilibrado, e, portanto, não fazendo justiça às suas investigações ao longo de três décadas de pesquisa sobre a obra de Machado.

### Um ano mais tarde, viria a público a última obra, o livro de memórias

Ao longo dos 40 anos de percurso intelectual, Eugenio Gomes colaborou intensamente em periódicos, alternando com a publicação de livros, sobre estudos de escritores brasileiros e ingleses, além de suas pesquisas no campo da literatura comparada. No conjunto de sua obra, seis volumes referem-se a sua atividade de intermediário entre o Brasil e a Inglaterra. Iniciando com o estudo monográfico de *Manuel Bandeira: poeta xexéu*, e *Um poeta: Rupert Brooke* (1928), continuou intensificando sua publicação com sobre autores ingleses com *D. H. Lawrence e outros ensaios* (1937). Em 1939, aparece seu primeiro esboço de estudo comparatista, intitulado *Influências inglesas em Machado de Assis*, cuja reelaboração tornou-se um clássico no livro *Espelho contra espelho* (1949). Seguindo a linha do comparatismo publicou ainda *O romancista e o ventríloquo* (1954), *O romantismo inglês* (1956), *Shakespeare no Brasil* e, finalmente *A neve e o girassol* (1967).

Na área específica dos estudos de literatura brasileira publicou as obras compreendendo uma seleção de artigos: *Prata de casa* (1953); *Visões e revisões* (1958), *Machado de Assis* (1958). Os livros *Aspectos do romance brasileiro* (1958); *Ensaio* (1958) e *O enigma de Capitu* (1967) são textos de maior fôlego.

Muitos de seus artigos, a partir de 1950, foram aproveitados como introduções de livros, como os que aparecem em *Bangüê e Água mãe*, de José Lins do Rego; em *Girândola de amores*, de Aluísio Azevedo; em *Cemitério dos vivos*, de Lima Barreto; em *Quincas Borba* e em *Esau e Jacó*, de Machado de Assis; em *Jana e Joel*, de Xavier Marques; em *Polêmica*, de C. de Laet e em *A face oculta*, de Carvalho Filho.

Elaborou ainda introduções para diversos livros, inclusive estrangeiros como *O diário de Pickwick*, de Dickens, editado pela Globo, em 1951, para *As viagens de Gulliver*, de Swift, da mesma edito-



ra, saído em 1952, para a tradução do livro de J. M. Murray, como para livros de Pizarro Drummond, José Valadares.

Eugenio Gomes colaborou com ensaios para livros de autoria coletiva, como *Machado de Assis* (ed. UFBA, 1958), *A literatura no Brasil e O romance brasileiro*, organizado por Aurélio Buarque de Holanda.<sup>26</sup>

Toda essas publicações foram editadas em vida do autor. Postumamente, houve a republicação, isolada, do estudo comparativo de Machado de Assis, invertendo-se o título original: *Machado de Assis: influências inglesas* (1976).

### Bibliografia de Eugenio Gomes

#### I. Livros

- Manuel Bandeira: poeta xexéu*. Bahia: Nova Gráfica, 1927.  
*Um grande poeta inglês*: Rupert Brooke. Bahia: Nova Gráfica, 1930.  
*D. H. Lawrence e outros*. Porto Alegre: Globo, 1937.  
*Influências inglesas em Machado de Assis*. Bahia: Imp. Regina, 1939.  
*Espelho contra espelho: estudos e ensaios*. São Paulo: IPE, 1949.  
*O romancista e o ventríloquo*. Rio de Janeiro: MEC, 1952. (Serviço de Documentação: Os Cadernos de Cultura).  
*Prata da casa: ensaios de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: A noite, 1953.  
*O romantismo inglês*. Porto Alegre: SECGRS, 1956. (Coleção Cadernos do Rio Grande)  
*Aspecto do romance brasileiro*. Bahia: Progresso/Univ. Bahia, 1958.  
*Ensaio*. Bahia: Progresso/Univ. Bahia, 1958.  
*Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Liv. S. José, 1958.  
*Visões e revisões*. Rio de Janeiro: INL, 1958. (Biblioteca de Divulgação Cultural)  
*Shakespeare no Brasil*. Rio de Janeiro: MEC, 1961.  
*A neve e o girassol*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1967.  
*O enigma de Capitu: ensaio de interpretação*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1967.  
*Machado de Assis: influências inglesas*. Rio de Janeiro, Pallas/INL, 1976.

#### 2. Organização, seleção e estudos para antologias e edições

- Vieira: sermões*. Rio de Janeiro: Agir, 1957. (Coleção Nossos Clássicos, n. 11)  
*Castro Alves: poesia*. Rio de Janeiro: Agir, 1960. (Coleção Nossos Clássicos, n. 44)  
*Castro Alves: obra completa*. Rio de Janeiro: Aguiar, 1960.  
*Adelino Magalhães: obra completa*. Rio de Janeiro: Aguiar, 1963.  
*Machado de Assis: crônicas*. Rio de Janeiro: Agir, 1963. (Coleção Nossos Clássicos, n. 69)  
*Machado de Assis: contos*. Rio de Janeiro: Agir, 1963. (Coleção Nossos Clássicos, n. 70)  
*Vieira: trechos escolhidos*. Rio de Janeiro: Agir, 1977. (Coleção Nossos Clássicos, n. 103)

### Referências bibliográficas

- AGUIAR E SILVA. *Teoria da literatura*. 2. ed., Coimbra: Almedina, 1969.  
BARBOSA, João A. *A leitura do intervalo: ensaios de crítica*. São Paulo: Iluminuras/SEC, 1990.  
———. *A metáfora crítica*. São Paulo: Perspectiva, 1974.  
———. *A tradição do impasse*. São Paulo: Ática, 1974.  
———. *Textos críticos – Augusto Meyer*. São Paulo: Perspectiva/INL, 1986.  
———. *Opus 60: ensaios de crítica*. São Paulo: Duas Cidades, 1980.  
BARTHES, R. *Ensaio crítico*. Trad. Antonio Massano e Isabel Pascoal. Lisboa: Edições 70, 1977.  
BOLLE, Adélia Bezerra de Menezes. *A obra crítica de Álvaro Lins e sua função histórica*. Petrópolis: Vozes, 1979.  
BONET, C. M. *Crítica literária*. (Trad. Luiz Aparecido Caruso) São Paulo: M. Jou, 1969.  
BORBA, Osório. *A comédia literária*. 2. ed., Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1959.  
BOSI, Alfredo (org.). *Cultura Brasileira*. São Paulo: Ática, 1987.  
———. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1970.  
———. *Introdução. Araripe Junior: teoria, crítica e história literária*. São Paulo: EDUSP, 1978.  
——— et al. *Machado de Assis. Antologia e estudos*. São Paulo: Ática, 1982.  
BROCA, Brito. *Memórias: 1903 a 1961*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1968.  
———. *Letras francesas*. São Paulo: Cons. Estadual de Cultura, 1969.  
———. *Ensaio da mão canhestra*. Rio de Janeiro/Brasília: AAG/INL, s.d.  
BRUNEL, P., PICHOUIS, C., ROUSSEAU, A. M. *Que é literatura comparada?* Trad. Célia Berretini. São Paulo: Perspectiva, 1990.  
BRUNEL, P. et al. *Précis de littérature comparée*. Paris: PUF, 1989.  
CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.  
———. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1967.  
———. *Introdução. Álvaro Lins. Jornal de Crítica*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 5ª série, 1974.  
———. *Introdução. Brito Broca. Ensaio da mão canhestra*. Rio de Janeiro/Brasília: DAG/INL, s.d.  
———. *Introdução. Sílvio Romero: teoria, crítica e história literária*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1978.  
———. *O método crítico de Sílvio Romero*. 2. ed., São Paulo: EDUSP, 1988.  
CARPEAUX, Otto Maria. *Livros na mesa*. Rio de Janeiro: São José, 1960.  
———. *Origens e fins*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1968.  
———. *Vinte e cinco anos de literatura*. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1968.  
CARVALHAL, Tania. *O crítico à sombra da estante*. Porto Alegre: Globo, 1976.  
———. *Literatura comparada: a estratégia interdisciplinar. Revista Brasileira de Literatura Comparada*. Niterói, n. 1, 1991.  
COSTA LIMA, L. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.  
COUTINHO, Afranio. *Caminhos do pensamento crítico*. Rio de Janeiro: Pallas, 1980.  
———. *Correntes cruzadas*. Rio de Janeiro: A Noite, 1953.  
———. *Críticos & críticos*. Rio de Janeiro: Simões, 1969.  
———. *Da crítica e da nova crítica*. Rio de Janeiro: S. José, 1957.  
———. *No hospital das letras*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1963.

<sup>26</sup> Vide bibliografia sucinta no final.



- . (org.) *A literatura no Brasil*. 3. ed., Rio de Janeiro: J. Olympio, 1986. 6 v.
- COUTINHO, Eduardo. Sem centro nem perifeira: é possível um novo olhar no discurso teórico-crítico latino-americano? *Anais. ABRALIC*. 2º Congresso. Belo Horizonte: 1991. v. 1.
- DAICHES, David. *Posições da crítica em face da literatura*. Trad. Thomaz N. Neto. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1967.
- ELLIOT, T. S. *Ensaio*. Trad. Ivan Junqueira. São Paulo: Art Ed, 1989.
- FISCHER, Almeida. *O áspero ofício*. São Paulo: Cons. Estadual de Cultura, Comissão de Literatura, 1970.
- LANSON, Gustave. *Essais de méthode de critique et d'histoire littéraire*. Paris: Hachette, 1965.
- MACHADO, A., PAGEAUX, D. H. *Da literatura comparada à teoria literária*. Lisboa: Edições 70, s.d.
- MARTINS, Wilson. *A crítica literária no Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. 2 v.
- . *História da inteligência brasileira*. São Paulo: Cultrix, EDUSP, 7 v.
- MICELLI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil: 1920-1945*. São Paulo/Rio de Janeiro: DIFEL, 1979.
- MOISÉS, Leyla Perrone. *Falência da crítica*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- . *Texto, crítica, escritura*. São Paulo: Ática, 1978.
- . *História literária e julgamento de valor*. *Anais. ABRALIC*. 2º Congresso. Belo Horizonte: 1991. v. 3.
- . *Da influência ao intertexto*. *Anais. ABRALIC*. 2º Congresso. Belo Horizonte: 1991. v. 3.
- PISTORIUS. Le problème d'influence selon Paul Valéry. *ANNALES*. 3. Congrès d'AILC. Paris, [198. ]
- RICHARDS. *Princípios de crítica literária*. São Paulo: EDUSP, 1967.
- SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas das letras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- . *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1968.
- SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 1981.
- SILVEIRA, Tasso. *Literatura comparada*. Rio de Janeiro: GRD, 1964.
- TADIEU, J. Y. *A crítica literária do século XX*. Trad. Wilma F. R. de Carvalho. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1992.
- TIEGHEM, Paul Van. *Littérature comparée*. Paris: Colin, 1931.
- WELLEK, R. *História da crítica moderna*. São Paulo: Herder, 1971. v. 3.
- , WARREN, A. *Teoria da literatura*. 2. ed. São Paulo: Publ. Europa-América, 1971.
- WIMSATT, W., BROOKS, C. *Crítica literária: breve história*. Lisboa: C. Gulbekian, 1971.